

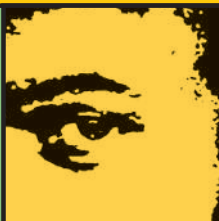
ALFAGUARA

COLSON

— do autor de —
A ESTRADA SUBTERRÂNEA
&
OS RAPAZES DE NICKEL

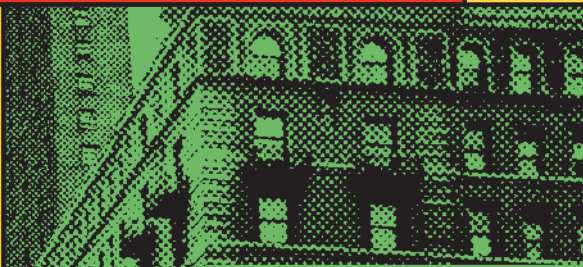
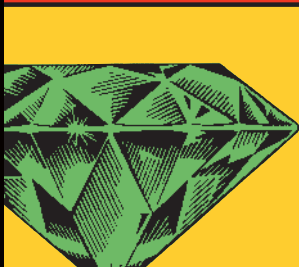
Vencedor do PRÊMIO PULITZER
& do NATIONAL BOOK AWARD

WHITEHEAD



AO *ritmo*

do HARLEM



Tradução de Miguel Catdoso

UM

Foi o seu primo Freddie quem o chamou para o assalto, numa noite quente do início de junho. Ray Carney estava num dos seus dias de correria — cidade acima, cidade abaixo, a toque de caixa. Sem desligar o motor. Primeira paragem, a Rua dos Rádios, para descarregar as últimas três consolas, duas *RCA* e uma *Magnavox*, e trazer o televisor que lá deixara. Entretanto, desistira dos rádios, já que havia ano e meio que não conseguia vender um único aparelho, por mais que baixasse o preço e implorasse. Agora eles iam ocupando espaço na cave, espaço de que ele precisava para os dois sofás reclináveis que haveriam de chegar da *Argent* na semana seguinte, ou para o que viesse a trazer do apartamento da senhora que morrera nessa tarde. Há três anos, aqueles rádios eram topo de gama; agora, tinha uns cobertores acolchoados a tapar as suas estruturas de mogno e andava com eles amarrados com correias de couro à caixa da carrinha. A carrinha de caixa aberta lá ia aos solavancos por aquele rego d'um raio que dá pelo nome de West Side Highway.

Nessa mesma manhã, o *Tribune* tinha publicado mais um artigo sobre os planos da câmara municipal para a demolição da via rápida elevada. Estreita e empedrada às três pancadas, a estrada já tinha nascido torta. Nos dias bons, era para-choques com para-choques até onde a vista alcançava, uma berraria feroz de buzínadelas e palavrões. Em dias de chuva, os buracos eram lagoas traiçoeiras, um lamaçal sem dó. Na semana anterior, um cliente entrara na loja com a cabeça enfaixada como uma múmia —

apanhado por um pedaço de balastrada quando ia a passar debaixo da filha da mãe. Disse que ia processar. Ao que Carney respondera: «Estás no teu direito.» Ao chegar à Rua 23, as rodas ferraram numa cratera e ele achou que uma das *RCA* ia levantar voo da caixa da carrinha e acabar no rio Hudson. Suspirou de alívio quando se conseguiu desviar para a Duane Street sem mais incidentes.

O contacto de Carney na Rua dos Rádios ficava a meio da Cortlandt, transversal à Greenwich, mesmo no meio da molhada. Arranjou lugar em frente à Rádios Samuel — REPARAÇÕES DE QUALQUER MARCA — e entrou para ver se Aronowitz estava por lá. Por duas vezes no ano passado tinha atravessado a cidade e dado com a porta fechada a meio do dia.

Há uns anos, passar a pé pelas montras abarrotadas das lojas era como girar o botão de um rádio — de uma das lojas, altifalantes despejavam *jazz* aos berros para o meio da rua, da seguinte saíam sinfonias alemãs, depois *ragtime* e por aí fora. S&S Eletrónica, Topo de Gama do Landy e Steinway, o Rei do Rádio. O mais certo, agora, era ouvir-se *rock and roll*, numa tentativa desesperada de seduzir os adolescentes, e deparar-se com montras com pilhas de televisores, as mais recentes maravilhas da *DuMont*, da *Motorola* e das restantes. Consolas em madeira de lei clara, os novos e elegantes modelos portáteis, e as altas-fidelidades três-em-um, com tubo catódico, sintonizador e gira-discos na mesma caixa, mesmo à maneira. O que não mudara era a rota serpenteante de Carney pelo passeio, contornando caixotes e baldes cheios de válvulas, transformadores áudio e condensadores, que atraíam os engenhocas de toda a região. Qualquer peça de que precise, seja qual for o modelo, preços em conta.

Onde costumava estar o comboio elevado da Nona Avenida, havia agora um vazio. Aquela coisa desaparecida. Quando Carney era pequeno, o pai levava-o ali uma ou

duas vezes nos entretantos dos seus misteriosos afazeres. De tempos a tempos, Carney ainda julgava ouvir o comboio a roncar por trás da música e dos regateios de rua.

Aronowitz estava debruçado sobre o balcão de vidro, com uma lupa anichada no olho, a mexer numa das suas geringonças.

— Senhor Carney — tossiu ele.

Eram poucos os brancos que o tratavam por senhor. Pelo menos nestas bandas, na Baixa. Na primeira vez que Carney fora à Rua dos Rádios por razões profissionais, os funcionários brancos fingiram que não o viam e foram atendendo os amadores entusiastas que entravam depois dele. Pigarreou, gesticulou, mas não foi capaz de despir a sua condição de fantasma negro, loja atrás de loja, acumulando as humilhações da praxe, até que subiu os degraus de ferro preto que levavam à Aronowitz & Filhos, onde o proprietário lhe perguntou: «Posso ajudá-lo, senhor?» Um «posso ajudá-lo?» que queria mesmo dizer *posso ajudá-lo?*, e não *o que é que estás aqui a fazer?*. Com os anos, Ray Carney foi aprendendo a distinguir as variações de tom.

Nesse primeiro dia, Carney disse-lhe que tinha um rádio a precisar de conserto; tinha começado então a fazer os seus biscates com aparelhos eletrónicos seminovos. Aronowitz cortou-lhe a palavra quando ele tentava explicar qual era o problema e meteu logo as mãos na massa, desaparafusando a caixa. Nas visitas que se seguiram, Carney já não gastava saliva e limitava-se a pousar os rádios à frente do mestre, para que ele fizesse o que tinha a fazer. A rotina era a seguinte: suspiros e resmungos desalentados enquanto analisava o problema, uns golpes e lampejos de ferramentas cromadas. O seu aparelho de diagnóstico testava fusíveis, resistências; ele calibrava a voltagem, vasculhava em tabuleiros sortidos nas estantes de aço ao longo das paredes da loja penumbrosa. Se era um caso mais sério, Aronowitz girava na sua cadeira e enfiava-se nos fundos

da oficina, ao som de mais grunhidos. Aos olhos de Carney, fazia lembrar um esquilo no parque, a correr desenfreadamente à procura de nozes espalhadas aqui e ali. Talvez os outros esquilos da Rua dos Rádios percebessem aquele comportamento, mas para este leigo mais parecia um animal alucinado.

Era comum Carney descer a rua para comer uma sandes mista, para que o homem pudesse trabalhar em paz.

Aronowitz nunca falhava no conserto, dava sempre com a peça certa. Porém, a nova tecnologia desconcertava o velho. Se era um problema num televisor, habitualmente pedia a Carney para voltar no dia seguinte, ou mesmo na semana seguinte, quando o novo tubo catódico ou válvula chegassem. Recusava-se a passar a vergonha de descer a rua e pedir ajuda a um concorrente. Foi assim que Carney ali foi parar naquela manhã. Deixara uma *Philco* de vinte e uma polegadas na semana anterior. Com sorte, o velho ficaria com os rádios.

Carney entrou na loja com uma das *RCA* grandes nas mãos e voltou à carrinha para ir buscar a outra.

— Eu até pedia ao rapaz para te ajudar — disse Aronowitz —, mas tive de lhe cortar nas horas.

O rapaz, Jacob, um adolescente carrancudo e bexigoso que morava num dos cortiços da Ludlow Street, trabalhava ali havia menos de um ano, tanto quanto Carney sabia. O «& Filhos» do letreiro nunca passara de uma aspiração — há muito tempo que a mulher de Aronowitz voltara para Nova Jérсия para viver com a irmã —, mas a fanfaronice e a bravata eram habituais nos estabelecimentos da Rua dos Rádios. Melhor da Cidade, Casa das Pechinchas, Imbatível. Umhas décadas antes, a explosão da eletrónica transformara o bairro no palco ideal para a ambição dos imigrantes. Pendura uma placa, faz a tua apresentação bombástica, e trepa para fora do pardieiro onde vives. Se tudo correr bem, abres um segundo estabelecimento,

ou expandes-te para a loja ao lado, que entretanto faliu. Passas o negócio aos teus filhos e reformas-te, mudando-te para um dos subúrbios de Long Island. Se tudo correr bem.

Carney achava que Aronowitz devia tirar o «& Filhos» e arriscar uma coisa mais moderna: TV & Rádio Atómica, Eletrónica Supersónica. Mas isso seria inverter a relação entre eles, já que quem dava conselhos ali era Aronowitz, de um empreendedor para outro, regra geral na variante «médico, cura-te a ti mesmo». Carney não precisava das dicas do velho sobre práticas de contabilidade ou sobre onde escoar os seus produtos. Tinha o diploma em Gestão do Queens College pendurado na parede do seu escritório, ao lado de uma fotografia autografada de Lena Horne.

Carney levou os três rádios para dentro da loja. O tráfico no passeio da Rua dos Rádios estava longe do que em tempos fora.

— Não, não estão avariados — disse Carney, enquanto Aronowitz desenrolava o seu estojo de instrumentos. O estojo era de feltro verde, com bolsos. — Achei que talvez mos quisesse tirar das mãos.

— Não têm nenhum problema? — Como se uma coisa funcionar bem fosse uma noção bizarra.

— Pensei para comigo que, já que vinha cá buscar o televisor, podia ver se estaria interessado. — Por um lado, porque é que o homem dos rádios precisaria de um rádio, mas, por outro, um homem de negócios tem sempre uma coisa à margem. E ele sabia que isso era verdade no caso de Aronowitz. — Para os desmontar e aproveitar para peças, ou assim?

Os ombros de Aronowitz descaíram.

— Peças. Peças não me faltam. Já clientes, é outra história, senhor Carney.

— Tem-me a mim, Aronowitz.

— Tenho-o a si, senhor Carney. E é um cliente fiel. — Perguntou pela mulher e pela filha de Carney. Um bebé a caminho? *Mazel tov*. Deslizou um polegar pelos suspensórios pretos e ponderou a proposta. O pó esvoaçava em contraluz. — Sei de um tipo, em Camden — disse Aronowitz —, que se especializa nestas coisas. Tem um fraquinho por *RCA*. Talvez lhe interesse. Talvez não. Deixe-os aqui e, da próxima vez que cá vier, digo-lhe como correu.

Havia a questão do *Magnavox*. Caixa de noqueira, *woofers* de dezoito polegadas, gira-discos *Collaro*. Há três anos, era topo de gama.

— Deixe-o também, logo se vê.

O velho sempre tivera a cara murcha, uma enorme papada, pálpebras e lóbulos descaídos, e mesmo a sua desgraçada postura era frouxa. Como se, ao debruçar-se horas a fio sobre as maquinas, estas o fossem sugando para dentro delas. A força gravítica aumentara muito nos últimos tempos, o curvar-se às evidências da vida. A mercadoria mudara, a clientela transmutara-se em seres de uma outra espécie, e a ambição por si só não puxa carroças. Mas sempre tinha alguns entreténs que o mantinham ocupado nos seus dias de declínio.

— Tenho o seu televisor prontinho — disse ele. Tossiu para um lenço amarelo desbotado. Carney seguiu-o até aos fundos da loja.

O nome da loja — letras destacadas em tinta dourada, na montra — prometia uma coisa, o balcão de atendimento, muito surrado, outra, e esta divisão dos fundos revelava uma terceira, de natureza puramente espiritual. A atmosfera era diferente, turva, porém reverencial, o burburinho da Rua dos Rádios, abafado. Recetores desmontados, tubos catódicos de todos os tamanhos, vísceras de máquinas ao molho, em prateleiras de metal. No centro da divisão, a bancada de trabalho, com um foco de luz que caía sobre o espaço vazio na madeira cheia de cicatrizes,

à espera do próximo paciente, e ferramentas e instrumentos vários de medição dispostos em volta. Há cinquenta anos, a maioria das coisas naquela sala não existia: seria uma vaga ideia a passar ao fundo da imaginação de um inventor — e agora, de repente, havia salas assim, onde alguns homens tinham os seus segredos bem guardados.

Até aparecer a coisa seguinte.

Havia uma cama de campanha dobrável onde costumava estar a secretária do rapaz, com um cobertor de lã axadrezado amarfanhado num *S*. Será que ele andava a dormir ali? Enquanto o homem dos rádios o levava, Carney reparou que ele perdera ainda mais peso. Pensou em perguntar sobre o seu estado de saúde, mas acanhou-se.

Aronowitz mantinha um expositor de transístores junto à porta de entrada, mas na sala dos fundos os artigos rodavam com maior frequência. A *Philco 4242* de Carney estava no chão. Freddie levava-a para dentro da loja de Carney num carrinho de transporte rangente, tendo-lhe jurado a pés juntos que estava «em perfeitas condições». Havia dias em que Carney sentia necessidade de apertar os calos do primo até este admitir que estava a mentir, mas noutros o amor por ele era tanto que mesmo o mais leve sinal de desconfiança o envergonhava. Quando ligou o televisor à tomada e o acendeu, o fruto dos seus esforços foi um ponto branco no meio do ecrã e um zumbido impertinente. Não perguntou a Freddie onde é que ele tinha arranjado o televisor. Nunca fazia essas perguntas. Desde que Carney lhes pusesse o preço adequado, os televisores saíam depressa da secção de seminovos.

— Ainda nas caixas — observou Carney.

— O quê? Ah, aqueles.

Havia uma pilha de quatro televisores *Silverstone* junto à porta da casa de banho, com consolas *Lowboy* de madeira clara, todos os canais. A Sears fabricava-os e os clientes de Carney adoravam a marca desde pequenos, quando os seus

pais compravam artigos por catálogo porque os brancos das suas vilas do Sul se recusavam a vender-lhos, ou inflacionavam os preços.

— Um tipo trouxe-as ontem — explicou Aronowitz.
— Caíram de uma carrinha, disse-me ele.

— As caixas parecem intactas.

— Não devem ter caído de muito alto.

Cento e oitenta e nove, preço de retalho, digamos que mais uns vinte de margem da loja de brancos no Harlem; a inflação dos preços não acontecia só a sul da linha Mason-Dixon.

— É provável que consiga vender uma a um cliente no mercado — disse Carney. A cento e cinquenta, e a prestações, até lhes cresciam pés e marchavam porta fora a cantar o hino.

— Posso desfazer-me de duas. Junto ao preço o arranjo da *Philco*. Só precisava de ser aparafusada.

Fecharam negócio. Já ia a caminho da porta, quando Aronowitz perguntou:

— Será que me pode dar uma ajuda a levar os rádios para os fundos? Gosto de manter a frente da loja apresentável.

Ao chegar à Alta da cidade, Carney virou para a Nona Avenida, não confiando na via rápida com os televisores novos na carrinha. Três rádios a menos, três aparelhos de televisão a mais — nada mau, para começo de dia. Pediu a Rusty para descarregar os televisores e os levar para a loja e conduziu até casa da senhora que morrera, na Rua 141. Almoçou dois cachorros-quentes e um café na Chock Full o’Nuts.

* * *

O elevador do número 3461 da Broadway estava avariado. O aviso estava lá afixado havia bastante tempo. Carney contou os degraus até ao quarto andar. Quando

comprava alguma coisa e a carregava até à carrinha, gostava de saber quantos degraus teria de amaldiçoar ao descer. No segundo andar, alguém estava a fritar pés de porco, e no terceiro, a julgar pelo cheiro, um molho de peúgas velhas. Estava a parecer-lhe que a viagem ia ser para nada.

A filha, Ruby Brown, abriu-lhe a porta. A estrutura do edifício tinha abatido um pouco, e quando ela abriu a porta do 4G esta raspou no chão.

— Raymond! — exclamou ela.

Ele não estava a ver quem era.

— Andámos juntos na Carver. Eu estava uns anos abaixo de ti.

Ele acenou como se se lembrasse.

— Os meus sentimentos.

Ela agradeceu e baixou os olhos por um momento.

— Vim tratar das coisas e o Timmy James disse-me para te telefonar.

Também não fazia ideia de quem era esse. Na altura em que arranjou a carrinha e a começou a alugar, e depois a comprar e vender mobília, conhecia toda a gente. Agora já estava no negócio há tempo suficiente para que a palavra se espalhasse para lá do seu círculo.

Ruby acendeu a luz da entrada. Passaram pela *kitchenette* e pelos dois quartos que comunicavam com a entrada. As paredes tinham marcas, algumas zonas descascadas, o estuque à mostra — os Brown já moravam ali há muito tempo. Uma viagem para nada. Regra geral, quando lhe ligavam para vender mobília, as pessoas tinham as noções mais estranhas daquilo que Carney procurava. Como se ele aceitasse qualquer porcaria, o sofá afundado com o arame das molas a espreitar como uma carapinha, a poltrona reclinável com manchas de suor nos braços. Ele não era sucateiro. Valia a pena pelos achados, mas perdia demasiado tempo a seguir pistas falsas. Se Rusty tivesse algum bom senso, ou bom gosto, Carney poderia enviar o seu

assistente nessas missões. Mas não tinha, nem um nem outro. Lá voltava ele com uma coisa que parecia um monte de guaxinins aninhados num estofó de crina de cavalo.

Desta vez, Carney enganara-se. A sala de estar, bem iluminada, dava para a Broadway, e o som de uma ambulância que passava esgueirou-se pela janela e chegou a eles. A mobília de sala de jantar era da década de 1930, lascada e desbotada, e o tapete oval coçado tinha as marcas das idas e vindas, mas o sofá e a poltrona pareciam acabados de sair da fábrica. *Heywood-Wakefield*, com aquele acabamento em tons champanhe que agora toda a gente adorava. E revestidos com capas transparentes de vinil.

— Agora moro em Washington — disse Ruby. — Trabalho num hospital. Mas há anos que dizia à minha mãe para ela se livrar do sofá, que estava a cair de podre. Há dois meses comprei-lhe este conjunto.

— Washington? — disse ele. Abriu o fecho do plástico.

— Gosto de lá estar. Há menos disto, sabes? — Fez um gesto na direção do caos na Broadway, lá em baixo.

— Percebo. — E passou a mão pelo estofó de veludo verde: imaculado. — É da Mr. Harold's? — Ela não tinha comprado o sofá na loja dele e a Blumstein não vendia aquela linha, pelo que só podia ser da Mr. Harold's.

— Isso.

— Estão bem estimados — observou Carney.

Dando o trabalho por concluído, Raymond voltou a olhar para Ruby. Com um vestido cinzento, roliça e carnuda. Os olhos acusavam cansaço. Agora usava o cabelo num penteado italiano, aos caracóis. E então ele teve um lampejo: a Ruby Brown em adolescente, de pernas e braços escanzelados, duas tranças compridas, à índia, uma blusa azul-clara com uma gola branca à Peter Pan. O género de rapariga que tem pais severos.

— Pois é, a Escola Secundária Carver! — disse ele.

Perguntou-se se já teriam enterrado Hazel Brown, qual seria a sensação de assistir ao funeral da mãe ou do pai, que expressão se põe na cara nessas circunstâncias. Que memórias viriam à mente, este pormenor ou aquele grande acontecimento, o que fazer com as mãos. Os pais dele já tinham partido e ele não passara por essa experiência, pelo que ficou a matutar na questão.

— Os meus sentimentos — voltou a dizer.

— Ela tinha um problema de coração, o médico disse-lhe no ano passado.

Carney andava no último ano do secundário quando ela estava no segundo. Isto há onze anos, em 1948, quando ele andava ocupado a tentar dar um rumo à vida. A tapar os buracos mais à vista, para ficar com um ar mais apresentável. Ninguém se ofereceu para o ajudar, pelo que teve de se amañhar sozinho. Aprender a cozinhar, pagar as contas quando chegava o aviso de atraso, ter uma ladainha pronta quando o senhorio vinha cobrar a renda.

Havia um bando de miúdos mais novos, colegas da Ruby, que lhe moíam o juízo a toda a hora. Os putos mais tesos da sua idade deixavam-no em paz, já o conheciam de outros tempos e não o chateavam porque tinham brincado juntos, mas Oliver Handy e o seu grupo eram de outra espécie, mais selvagem, da rua. Oliver Handy, que perdera dois dentes da frente havia tempo, nunca deixava que Carney passasse por ele sem o espicaçar.

Oliver e o seu grupo gozavam com as nódoas nas roupas dele, que ainda por cima não lhe serviam, o que era mais um motivo de chacota. E diziam que ele cheirava a carro do lixo. Quem era ele, naquele tempo? Magricela e tímido, tudo o que lhe saía da boca vinha meio gaguejado. Cresceu quinze centímetros no 11.º ano, como se o seu corpo soubesse que era melhor recuperar do atraso para poder lidar com as responsabilidades da vida adulta. Carney no seu antigo apartamento na Rua 127, sem mãe, o pai

metido nos seus esquemas, ou a curar a ressaca. Saía para a escola de manhã, fechava a porta da casa vazia, preparava-se para o que o esperava lá fora. Mas a questão era que, quando Oliver fazia pouco dele — em frente à loja de doces, nas escadas das traseiras da escola —, já ele aprendera sozinho a tirar uma nódoa, a fazer a bainha das calças, a tomar um duche antes de sair para a escola. Oliver fazia pouco dele pelo que ele tinha sido, antes de se conseguir orientar.

O que pôs um ponto final na história foi ele acertar na cara de Oliver com um tubo de ferro. Curvado em *U*, como se tivesse sido arrancado de baixo de um lava-loiça. Parecia que o cano lhe tinha simplesmente aparecido nas mãos, forjado no descampado da esquina da Amsterdam com a 135, onde eles o tinham emboscado. A voz do pai: «É assim que se lida com um cabrão que se mete contigo.» Sentia-se mal quando via Oliver na escola, todo inchado e a esgueirar-se pelos cantos. Mais tarde soube que o seu pai tinha enganado o pai do Oliver num esquema qualquer que envolvia pneus roubados. Talvez isso explicasse toda aquela história.

Foi a última vez que levantou a mão a alguém. Do modo como ele via as coisas, uma pessoa não tem de viver como a ensinaram a viver. Vem-se de algum lugar, mas é mais importante o lugar para onde se decide ir.

Ruby decidiu mudar-se para outra cidade e Carney escolheu meter-se no negócio dos móveis. Uma família. Tudo o que lhe parecesse o oposto do que conheceu em criança seduzia-o.

Ele e Ruby trocaram dois dedos de conversa sobre a antiga escola, os professores que odiavam. Havia alguns pontos em comum. Ela tinha um rosto bonito, redondo, e quando se ria dava-lhe a impressão de que Washington fora a escolha acertada. Não faltavam razões para sair do Harlem, se a oportunidade surgisse.

— O teu pai trabalhava na oficina ali ao virar da esquina — disse ela.

A Oficina Milagre era o lugar onde o pai dele fazia uns turnos, de vez em quando, se o negócio principal não corria bem. Trabalho à hora, estável. O proprietário, Pat Baker, fora seu comparsa, antes de se endireitar. Endireitar, é como quem diz, ser um pouco menos torto: não se podia dizer que todos os veículos na oficina tivessem os papéis em ordem. A oficina tinha andamento, como Carney costumava dizer. Assim como a loja de Aronowitz, e a sua. Entram cenas, saem cenas, como as marés.

Pat estava em dívida para com o pai dele, de outros tempos, e arranjava-lhe trabalho quando ele precisava.

— É verdade — disse Carney, preparando-se para o que aí vinha. Em geral, quando alguém mencionava o seu pai era um prelúdio para alguma história pouco recomendável. *Vi-o a ser arrastado por dois polícias para fora do Finian's* ou *Estava a desancar um pobre diabo com a tampa de uma lata de lixo*. E lá tinha ele de decidir que expressão pôr na cara.

Mas ela não partilhou nenhuma história indigna.

— Fechou há uns anos — disse Ruby.

Entretanto, ela e Carney fecharam negócio para o conjunto de sofá e poltrona.

— E aquele rádio ali? — perguntou ela. Estava junto a uma pequena estante de livros. Hazel Brown tinha posto um ramalhete de flores artificiais numa jarra vermelha em cima do rádio.

— O rádio não levo — disse ele.

Deu uns trocos ao porteiro para que ele o ajudasse a levar o sofá para a carrinha, e no dia seguinte mandaria Rusty buscar a poltrona. Sessenta e quatro degraus.

* * *

**Depois de dois prémios Pulitzer,
Colson Whitehead volta a colocar o dedo
na grande ferida da América, construindo
um romance desassombrado e mordaz sobre
desigualdade e injustiça, que é também
uma carta de amor ao bairro nova-iorquino
do Harlem.**

Ray Carney tem uma história semelhante à de várias outras do seu bairro. É vendedor de mobília, pai de família, homem pacato. Pouca gente sabe que ele descende de uma linhagem de rufiões e que, sob a aparência de normalidade, há várias pontas soltas no seu caminho.

Como o dinheiro nem sempre chega, Ray desenrasca-se com esquemas trapaceiros e biscates pouco recomendáveis, à boleia das atividades ilícitas do primo Freddie. Mas há um dia em que os planos dão para o torto e Ray cai numa teia de corrupção, crime e pornografia, a que não faltam polícias duvidosos e arruaceiros sem escrúpulos. Começa aqui a sua vida dupla e Ray vai percebendo melhor quem realmente puxa os cordelinhos por ali.

Um mistério policial entrelaçado com a história de uma família comum, encenado no fervilhante Harlem dos anos 60, sobre o pano de fundo do movimento dos direitos civis, numa época histórica irrepetível, que mudaria para sempre o mundo. Colson Whitehead – «mestre do romance», um dos mais premiados escritores da atualidade e voz literária fundamental na história da cultura negra – oferece-nos uma narrativa de crimes e castigos, episódios tragicômicos, pequenas vinganças e grandes disfarces. Um impressionante romance sobre raça e poder, os temas fulcrais da obra deste escritor.






**«Whitehead oferece-nos aqui a sua magnífica eloquência,
numa trama onde se enredam história urbana, estratificação racial,
grandes esperanças e pequenos tralfulhas.»**

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897843877



9 789897 843877 >